

PESSOA E COMUNIDADE. COMENTÁRIO: PSICOLOGIA E CIÊNCIA DO ESPÍRITO DE EDITH STEIN¹

Anderson Afonso da Silva²

Ales Bello, nesse livro, traz um estudo sobre a obra *Psicologia e Ciência do Espírito* de Edith Stein. Na primeira parte do livro a autora trata da pessoa, com o intuito de demonstrar a existência da causalidade psíquica, perguntando se ela existe ou não. Afirma que para dar conta dessa questão é preciso focar o *fluxo de consciência*, que traz o movimento das vivências. Estas são o que de mais imediato podemos sentir e dar-mo-nos conta disso que sentimos. Assim, o princípio do estudo da pessoa e comunidade incide sobre as vivências dos seres humanos, as quais são tomadas para a realização das análises a respeito da existência de causalidade psíquica. Expõe que *entre as vivências não há causalidade*, pois elas se caracterizam como *registros de consciência de estados psíquicos*, enquanto que a causalidade acontece na *psique e na força vital*.

Esse estudo trata de um aprofundamento em torno do indivíduo e, sendo assim, Ales Bello afirma que podemos nos indagar sobre a existência de uma estrutura geral do ser humano. E expõe que segundo Edith Stein, enquanto ser humano, cada um de nós tem estruturas semelhantes, ou seja, *estruturalmente somos iguais*. Porém, é ressaltado que essas estruturas são ativadas de forma singular e individual pela pessoa, tomada em sua individualidade.

Estruturalmente, há um fluxo de vivências e, Edith Stein traz Husserl que afirma podermos falar *da existência de um fluxo, pois no presente está conservado algo daquilo que passou, e o que está conservado no presente nos diz que haverá algo em seguida*, ou seja, existe uma continuidade, um fluxo de consciência de nossas vivências cotidianas. Ales Bello indaga: como são constituídos os fluxos de consciência? Expõe que segundo Edith Stein, este fluxo acontece de modo contínuo para o indivíduo humano, porém com fases, e salienta que *não há uma divisão entre as fases como se, com o advir de cada nova fase, a anterior se esvanecesse desaparecendo no nada*. Se

¹ ALES BELLO, A. **Pessoa e Comunidade**. Comentário: Psicologia e Ciência do Espírito de Edith Stein; tradução: Miguel Mahfoud; Ir. Jacinta Turolo Garcia. Belo Horizonte: Ed. Artesã, 2015.

² Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Rio Claro, São Paulo, Brasil. E-mail: andersonafonso2@gmail.com.

assim fosse teríamos sempre uma única fase e não se poderia produzir fluxo unitário algum.

As fases que constituem o fluxo de consciência são interligadas, não podendo ser concebidas de modo unitário, sempre estão juntas, amalgamadas. Uma fase diz de outra passada e prevê uma fase futura, de modo que *cada fase nova é uma novidade imprevisível*. Como exemplificação, podemos nos perguntar: podemos prever se estaremos de mau humor amanhã? Segundo a autora, certamente nosso estado de humor no amanhã estará vinculado com estados de humor passados, com nossos afazeres, com nossas condições físicas, entre outros fatores, porém, não existe uma segurança para a previsibilidade futura a respeito de como será nosso humor.

Visando uma compreensão do fluxo de consciência, conforme o exposto na obra aqui referida, devemos estar atentos a uma questão importante, a saber, *iniciar nossas reflexões pelas vivências das quais estamos cômnicos*. Assim, o ponto de partida será em *nós mesmos* enquanto seres dotados de consciência ao nos darmos conta de estar vivenciando alguma experiência.

Segundo o texto, a dimensão de *nós mesmos* se caracteriza com muita especificidade e *não pode se identificar com a psique; o fluxo de consciência não é a psique*. O aprofundamento sobre a questão do *nós mesmos* pode gerar indagações em relação às reflexões de nossas ações cotidianas, como: agimos, em todos os momentos cotidianos, refletindo sobre nossos atos? Essa indagação é respondida de forma negativa, pois segundo a autora, consciência corresponde ao nosso estado cômnico dos acontecimentos cotidianos que vivenciamos e enfatiza que *ao viver as coisas, estamos cômnicos de vê-las*. A autora expressa que segundo a postura fenomenológica, a consciência não se caracteriza como uma questão de reflexão do indivíduo em sua singularidade, e apresenta a compreensão que a consciência não se identifica com a psique.

A autora exemplifica dizendo que ao olharmos através de uma janela fechada por um vidro transparente, podemos de modo atento olhar cuidadosamente a paisagem que lá está, podemos descrevê-la cuidadosamente, porém, ao descrever o visto, não nos atentaríamos para o vidro transparente. Segundo a autora, *o fluxo de consciência é como o vidro; normalmente não nos interessamos por ele*, mas pelos objetos e coisas que estão além dele. Porém, também poderíamos nos interessar pelo objeto *psique*, sem ter como foco a consciência. A autora destaca que existe uma duplicidade entre consciência e psique. Expõe que se trocarmos o vidro transparente por uma cortina metálica, não

teríamos a possibilidade de visualizar o objeto e salienta que *nosso objeto de interesse psique estando do lado de lá do vidro-consciência, é acessível a nós por meio da consciência.*

A autora prossegue o texto questionando: existe causalidade psíquica? Para focar essa pergunta traz um exemplo de quando estamos cansados, e afirma que nesse momento o fluxo vital parece se bloquear; arrasta-se preguiçosamente e tudo o que entra nos vários campos dos sentidos é influenciado por esse cansaço: as cores, meio pálidas; os sons, meio afônicos; cada impressão, cada dado que se impôs ao fluxo vital – por assim dizer – contra a vontade, é doloroso, indesejado; cada cor, cada som, cada contato incomoda.

Segundo a autora, um barulho que aconteça no agora, por exemplo, nós não o buscamos, ele se nos impõe. Quando cansados nos atrapalha, se tranquilos não nos afeta. Ainda, nessa perspectiva, apresenta indagações, do tipo: em que sentido haveria causalidade na esfera da psique? O fato de o barulho revelar algo em mim revela uma relação de causalidade ou não? Para responder essas indagações sobre a psique, Stein formula uma comparação referindo-se ao mundo físico.

Na obra é destacado que existe relação de causalidade entre consciência e mundo físico, porque a consciência contém vivências que se formulam na relação com ele. Como? Na percepção: podemos ouvir um barulho – porém ao dizer: *esse barulho me atrapalha* nos referimos ao efeito psíquico daquele barulho. Portanto, a dimensão corpórea permite que percebamos o barulho e essa vivência determina reações psíquicas, além de reações físicas.

A autora avança na reflexão e apresenta outro exemplo de algo que está fora de nós, trazendo-se uma bola ao rolar que estando em movimento e ao chocar-se com outra, põe esta outra em movimento também. Faz uma comparação, dizendo que o que acontece com as bolas no mundo físico, acontece também na dimensão interna. Há uma relação entre impulsos da pessoa. A diferença neste caso é que a força não é mensurável; no campo físico sim.

O texto enfatiza que ao demonstrar que na dimensão psíquica não é possível medir a força, Edith Stein toma uma posição contrária à concepção da época que buscava sua mensuração, calculando a relação entre intensidade e estímulos (de luz ou som, por exemplo) e reação psíquica, formulando diagramas. Ales Bello afirma que Stein não nega essa possibilidade, mas interroga: tal procedimento permite conhecer o

sujeito? Pode-se, desse modo, estabelecer a quantidade do impulso do nível psíquico? O que acontece dentro da esfera vital?

É apresentado no texto, que nós indivíduos temos graus de vitalidade que vão – em uma escala muito ampla – desde uma situação passiva à de máxima atividade. Nesse sentido, a esfera vital – enquanto esfera psíquica – tem uma força vital.

Como me dou conta disso? Dou-me conta, porque tenho consciência dos estados vivos e dos sentimentos vitais que estou vivenciando (como por exemplo, o vigor físico, o cansaço, a excitação). Notemos o mal-estar que vivo por causa de um barulho: é um estado psíquico; a consciência dele é o que me permite dizer que sinto com mal-estar.

Como podemos falar de causalidade? O processo psíquico está ligado à força vital: quando as energias são dadas significa que a força vital está ativa; quando ao invés, as energias são retiradas, então, a força vital não está ativa naquela direção.

Reforça que a força vital é o substrato último ao qual é preciso se referir para compreender as mudanças dos estados psíquicos. Existe, uma espécie de mecanismo psíquico que depende da força vital, força esta que se caracteriza a esfera vital e está sempre no âmbito das mudanças qualitativas (ou seja, não é mensurável).

Sendo assim, o núcleo da questão apresentada pela autora é de que podemos falar em vivências psíquicas, mas essas não são as vivências da consciência. O conceito de *vivência* é muito importante e frequentemente é referido como vivência psíquica (que se refere a vigor, estado de ânimo, sentimento vital). Ainda, segundo a autora, o termo vivência apresenta duas valências: a vivência que está na esfera psíquica, caracterizada pela força vital e a vivência da consciência.

Desse modo, pela vivência da consciência nos damos conta do que acontece na esfera psíquica; e na esfera psíquica sentimos uma força vital que permite à psique proceder num processo de causalidade não-mensurável.

Para entender a causalidade da esfera psíquica, tomemos um exemplo: quando estamos aprendendo uma língua estrangeira, inicialmente colocamos muita força vital, quando dela nos valermos para falar, mas, com o tempo, já não precisamos colocar tanta força. Assim, enquanto estamos aprendendo a língua, chegar a certo nível exige esforço. Quando a aprendemos, já não precisamos investir tanto esforço. Por isso, dizemos *vai adiante quase por si mesma* ou *automaticamente*.

Segundo a autora, a quantidade de força vital é limitada: utilizada em uma direção, não poderá ser empenhada em várias outras. Podemos dizer que quanto mais estranha é a atividade para o sujeito, maior a força vital investida e que enquanto

concentrados em certa atividade não poderemos pretender investir a mesma concentração em outras.

Evidenciado que há causalidade psíquica, a questão agora é, de que tipo? Pelo apresentado na obra, não existe mensurabilidade dos eventos psíquicos, mas podem ser examinados qualitativamente. Vimos também que não podemos dizer com precisão o que acontecerá no momento seguinte: concebemos que haverá alguma intensidade, mas não podemos prever qual e nem se poderá mensurá-la.

Mas a autora enfatiza a questão da individualidade e apresenta um exemplo: diante de um barulho forte, certamente a reação será de mal-estar, mas não é previsível quão grande será o mal-estar em cada um de nós.

A mesma ênfase na individualidade pode ser dada na leitura da força vital, em que cada um de nós tem certa quantidade de força vital que vai sendo atualizada de um modo e de outro, isto é, cada indivíduo pode condensar essa quantidade ou dispersá-la; também de acordo com as características corporais de cada um, há maior ou menor capacidade de se dedicar a outras atividades ao mesmo tempo, justamente porque a quantidade de força vital é sempre limitada e será necessário repouso físico e psíquico para ser readquirida.

Desse modo, podemos concluir, segundo o apresentado nesta obra que não há mensurabilidade nos eventos psíquicos, mas são identificadas suas qualidades; há relação de causalidade determinada pela força vital, mas o ser humano não possui somente a esfera psíquica: há também a esfera espiritual (independente da psíquica, ainda que conectada a ela). É necessária uma distinção interna que diferencie a dimensão psíquica (como esfera da força vital e do esforço psíquico, como esfera dos mecanismos psíquicos) da dimensão espiritual. E temos condições de fazer essa distinção porque existem as vivências da consciência: por meio dessas vivências, nós registramos os fatos psíquicos e os fatos espirituais.

Stein afirma que *a sucessão de estados vitais mutáveis indica uma maior ou menor força vital e a isso correspondem – enquanto manifestações – diversos sentimentos vitais*. Podemos dizer que da força vital emergem estados vitais; dos estados vitais emergem sentimentos vitais; e damos-nos conta disso por meio das vivências da consciência, de modo que podemos nos questionar: o que da psique se manifesta? Na obra é exposto que o movimento de Stein para chegar à resposta desta indagação é o de examinar os *estados vitais*, dos quais nos damos conta por meio dos *sentimentos vitais*. Estes remetem à *força vital* (que se expressa nos estados vitais). De

tudo isso, temos vivência: aprendemos os sentimentos vitais e estados vitais nas vivências. Como já afirmado, o princípio de Stein são as vivências. Por quê? Pelo fato de as vivências darem-se no fluxo de ocorrências passível de ser conhecido por nós, à medida que ficamos atentos a elas e ao modo pelo qual está sendo por nós vivenciadas. Stein enfatiza que não podemos examinar algo, a não ser passando pelas vivências.

Segundo a autora, embora realizemos todas essas passagens ao mesmo tempo, o processo seria: estado vital -> sentimento vital -> vivências dos estados vitais e dos sentimentos vitais. Essa parte da psique – estado, sentimento e força – é o que está além do vidro-consciência que permite ver o que está além dele mesmo (objeto-vivência). A autora destaca que os estados vitais e os sentimentos vitais – a seu modo – são também vivências: vivências reais, vivências da consciência. E ressalta que vivemos o estado de ânimo realmente na psique, mas nos damos conta no nível de vivência da consciência.

Afirma que os sentimentos vitais são manifestações dos estados vitais e as vivências são manifestações deles. Por exemplo, quando digo: *estou mal*, quer dizer que está faltando força vital. Estamos nos referindo ao estado (estar mal), que se refere ao sentimento e disso tudo eu tenho consciência. Na afirmação *estou mal* está presente o processo todo. Assim, as vivências de consciência manifestam o que acontece na dimensão real. Stein afirma também que a força vital de cada indivíduo é diferente. O máximo de força vital de uma pessoa não coincide com o de outra. Apresenta um exemplo, ao pedir que imaginemos que ao conhecer uma pessoa, sabemos que esta pessoa é capaz de fazer algo, porque em certas situações ela já o fez, talvez ela possa fazê-lo novamente, mas não é garantido. Stein diz que *a força vital de um indivíduo é verificável somente com a experiência*. Toda afirmação sobre a força vital precisa ser verificada como verdadeira ou falsa, e somente pode ser realmente verificada *a posteriori*, a partir do que acontece com aquele sujeito, ou seja, depois de o ato ter acontecido.

Segundo Edith Stein, o primeiro substrato é a força vital que se manifesta nos estados vitais e os estados vitais se manifestam nos sentimentos vitais, e os sentimentos vitais se manifestam nas vivências de consciência. Ainda, expõe que toda parte da força vital como estrato real é uma esfera passiva, que se dá em mim sem que eu escolha ou decida sobre ela: acontece. Entretanto, diz, podemos nos questionar: acontece em que parte de nós? A autora responde nossa indagação em sua obra expondo que acontece na esfera passiva, chamada por Husserl de *hilética*. Sem mencionar o termo Stein se vale do conceito ao tratar de vivências egológicas e não-egológicas e exemplifica: a cor

amarela está fora de mim e a sensação de bem-estar, dentro. Viver esse conteúdo é sentir o estado de bem-estar: estou bem (estado vital) e sinto estar bem (sentimento vital). Enquanto isso, tenho consciência de viver o bem-estar. Dessa forma, temos (1) o estado, (2) o sentimento e (3) a vivência da consciência.

Ales Bello destaca que Husserl também realizou esse processo de maneira muito detalhada, mas salienta que ele se referia principalmente ao objeto, enquanto Stein menciona mais o processo da pessoa.

Na obra é destacado que para definirmos o objeto, temos que definir os limites em nível de sensações, de modo a reconhecê-lo como objeto unitário. Traz como exemplo a farda dos militares com desenhos que os camufla, para não serem distinguidos do meio, visando dificultar a compreensão de que ali há um soldado. A farda é unitária e fora dos seus limites temos o deserto (outra coisa). Quando percebemos o soldado, na realidade fazemos uma distinção entre o soldado e o deserto; porém não nos damos conta desse processo: acontece em nós e o resultado é a percepção do objeto.

A esfera passiva – denominada por Husser de hilética – tem o sentido de *aquilo que acontece sem ativar uma vontade*, ou seja, simplesmente acontece. Desse modo, há uma relação entre a esfera passiva da psique e a esfera passiva que nos dá consciência dos objetos externos relacionados ao nosso corpo.

Novamente, a autora apresenta um exemplo, ao expor que com a cor amarela e com a forma redonda, podemos identificar um objeto, um chocolate embrulhado, por exemplo. Ressalta que para realizarmos essa identificação nos valem da memória, pois sabemos que aquilo se trata de um chocolate. Se uma criança que nunca tivesse visto aquele objeto, em um primeiro momento não saberia o que há dentro da embalagem. Ela teria que fazer toda uma operação para abrir, ver, descobrir e concluir: é um chocolate. Quem já fez essa operação, já sabe do que se trata. Assim, na esfera passiva nós distinguimos esse pequeno objeto da mesa que o sustenta.

Entretanto, a autora continua, solicitando que consideremos uma mesa lisa, e indaga: que estado vital ela nos dá? Podemos responder que uma sensação de liso seja uma sensação agradável e/ou prazerosa. Notem que ao conhecer o objeto, temos também sensações interiores, sentimentos vitais. Há um senso de bem-estar ao tocar a mesa, porém, se eu já souber que sobre a mesa há um chocolate, preferirei o chocolate à mesa. Isso ocorre devido à dimensão de futuro: se eu comê-lo, ele me dará uma sensação de bem-estar melhor do que a sensação de liso da mesa.

Quanto ao que acontece na relação entre corpo e mundo externo, dá-se outro processo entrelaçando a esfera psíquica: o corpo une o que acontece no mundo externo e o que acontece na reação psíquica; assim, as sensações corporais permitem que eu afirme ter corpo e que essas sensações do corpo são diferentes das sensações das coisas externas; e elas ainda me dizem se são de bem-estar ou mal-estar. Ocorrem conjuntamente. Traz-nos o exemplo de que quando sentimos frio, temos uma sensação corpórea, um sentimento vital de mal-estar e disso eu nos damos conta. Dá-se uma reação psíquica ao frio, da qual temos consciência.

Segundo a autora, a esfera passiva corresponde a eu ter sofrido o frio, pois não o gerei – aconteceu em mim. Mas quando busco fechar a janela para deixar de sentir frio, se trata de um processo ativo: ativo em relação à vivência que vivi ou estou vivendo: não acontece, eu é que ajo, pois posso ou não fechar a janela.

Na obra são apontados três pontos importantes, o primeiro se trata do conteúdo recebido pela consciência (sentimento de bem-estar ou mal-estar); o segundo o viver esse conteúdo (sentir o bem-estar ou mal-estar) e o terceiro que é ter consciência desse viver, sempre acompanhado pelo sentimento e estado.

Esses três momentos acontecem concomitantemente, de tal modo que podemos dizer *viver*, referindo-se a: viver o estado vital, viver o sentimento vital e viver de modo consciente esse processo de um sentimento vital e de um estado vital. Podemos viver o bem-estar relativo à cor e esses dados podem ser entendidos como uma reação passiva minha, que se caracteriza como todo esse processo em conjunto e nomeada pela autora de *reação egológica*. A autora salienta que o dado da cor (por exemplo, amarelo) não é um dado egológico, pois não depende de mim. Stein afirma: *os dados e os conteúdos não-egológicos estão diante do eu e os dados egológicos pertencem ao sujeito*.

Um objeto é percebido, apresenta-se a mim, por meio de uma série de operações precedentes de delimitação, distinção, contiguidade e diferença. Há um processo de afetação (de onde nasce também a palavra afeição) e disso tudo nasce a percepção do objeto como unidade. Segundo Ales Bello, o movimento investigativo de Husserl se ocupou da preocupação de que se o indivíduo tem consciência desse processo e salienta que o que se tem é a consciência da percepção, ou seja, do percebido, que já se mostra como o resultado da percepção. Destaca que podemos chegamos à compreensão de que existe um processo anterior à percepção pelo fato de realizarmos uma análise que coloca em evidência (em nível de consciência) um processo que não aconteceu diante da consciência, pois Husserl faz uma fenomenologia daqueles elementos e processos dos

quais não geramos pela consciência, do que acontece antes de nos darmos conta, e salienta que tanto ele como Stein consideram a esfera passiva, que é recebida conscientemente quando fazemos análise dessa esfera.

Na segunda parte do livro, a autora trata das diferentes formas de associação humana, apresentando uma discussão entorno da sociedade, da massa, do estado, da nação e da comunidade. Expõe que cada eu individual vive como pessoa e como comunidade, e também que nós não somos absorvidos pela comunidade, pois permanecemos sempre como *eu* pessoal. Como apontado pela autora no texto, o aspecto mais importante do viver junto com o outro é a comunidade.